

## EDITORIAL

AMÉRICO J. RIBEIRO

Em várias fases de sua história, o presbiterianismo pátrio já foi servido, simultaneamente, por mais de um jornal. Motivos vários e circunstâncias plausíveis justificaram sempre tal situação. Ora enfocando assuntos diferentes, ora apreciando a mesma matéria, porém de ângulos diversos estimulando colaboradores silenciosos, completando o nobre esforço de bem informar, de edificar, fortalecer e proclamar corajosamente a verdade, cremos que a energia despendida pelos que sustentaram a tarefa de fazer circular um segundo órgão no seio da comunidade presbiteriana nacional conquistou, em regra, para eles, reconhecido débito de gratidão por quantos foram assim beneficiados.

Se o JORNAL PRESBITERIANO, à semelhança desses órgãos que, no passado, serviram bem à Igreja, surge igualmente com o objetivo de edificar a família da fé pela doutrinação, exortação, testemunhos, mensagens estimulantes, informações exatas e variadas, exemplos dignos, poesias inspiradoras e até pelo humorismo honesto, cremos que ele certamente se provará também publicação oportuna e valiosa.

Sentimos vivamente que o período que a nossa amada Igreja vem atravessando, de algum tempo a esta parte, justifica plenamente o aparecimento do JORNAL PRESBITERIANO que, como esclarecemos, propõe colocar a edificação da Igreja como um dos pontos altos de seu programa e assim ampliar o panorama atual do presbiterianismo, na área da comunicação escrita.

Nascido da iniciativa de um grupo de presbiterianos plenamente integrados em suas Igrejas, imbuídos da necessidade de colaborar na dinamização dos recursos potenciais dos nossos campos e de estreitar a unidade entre os que pertencem a este ramo de tão altas tradições do movimento Reformado, este órgão não se vincula a qualquer concílio, não por julgar que isto seja um mal, porém, a fim de manter uma posição de independência, essencial ao cumprimento mais exato de seus propósitos. A comunhão, o espírito de companheirismo, a coesão das forças presbiterianas e sua equidade de participação em todos os aspectos da vida e da administração da Igreja constituirão tônica recorrente no material a ser veiculado por este órgão, num esforço sincero de levar todos os elementos comungantes da numerosa família presbiteriana a compartilhar bênçãos comuns e a crescer, harmoniosamente, como membros do mesmo Corpo, no sentido genuinamente bíblico, na medida em que servem a Deus no serviço ao próximo.

Admitimos que nos compete desfazer, antecipadamente, uma impressão precipitada que poderá surgir no espírito de alguns irmãos, ao receberem o primeiro número deste órgão. O JORNAL PRESBITERIANO não nasce com intenção polêmica. Deseja, antes, que suas relações com a imprensa evangélica, com a qual não pretende rivalizar-se em nenhum sentido, seja de cunho genuinamente fraternal. Fugir desta linha, por forças de contingências indesejáveis, seria para nós extremamente penoso e esperamos que tais circunstâncias jamais venham a surgir. Do outro lado, porém, afirmamos, honestamente, que ele procurará também desempenhar, com equilíbrio e serenidade, o importante papel de oposição construtiva, que tem sido sempre característica distintiva de todo regime lidamente democrático, do qual o sistema presbiteriano é uma das mais altas expressões históricas.

É testemunho incontestável da história que todas as vezes que o partido da situação pretende sufocar ou eliminar a oposição, ainda que o faça por meios de recursos solertes e habilmente disfarçados, ela se ressalva sempre no sentido de manifestar traços cada vez mais nítidos de crescente absolutismo autoritário.

Do outro lado, a oposição só merece o qualificativo de construtiva quando se mostra capaz de reconhecer, aplaudir e apoiar nobremente todos os empreendimentos e as decisões corretas dos dirigentes, enquanto se mantém, ao mesmo tempo, em atitude de permanente vigilância, decidida a apontar, denunciar e combater o que houver de errado e censurável em sua maneira de agir. E nesta dupla atitude que ela se prova, não um obstáculo indesejável e prejudicial, mas uma peça indispensável e valiosa de todo regime democrático.

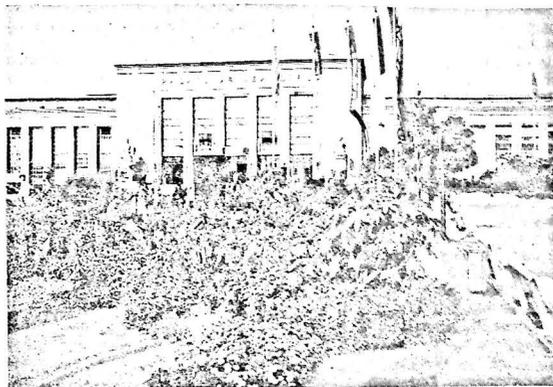
O JORNAL PRESBITERIANO abre-se para a permuta de números com os outros órgãos congêneres, com os quais deseja manter cordial relacionamento.

Como é de praxe, o Conselho Editorial reserva-se o direito e assume a responsabilidade de selecionar o material a ser publicado, de maneira que todas as seções sigam as linhas esquematicamente traçadas por este primeiro editorial.

Ao dar a lume o primeiro número deste órgão, nós o fazemos com humildade, oração e inteira submissão ao Senhor da Igreja, único a quem devemos lealdade incondicional, cuja orientação buscaremos sempre seguir, a fim de que esta publicação venha a constituir-se, como sinceramente o desejamos, em grande bênção para esta preciosa parcela de seu Reino que é a nossa amada Igreja Presbiteriana do Brasil.

## Lausanne: uma chamada à Evangelização

Na página quatro desta edição, o jovem Elson Cavalcante Bittencourt, que é o último-anista do Seminário Presbiteriano de Campinas, Estado de São Paulo, escreve sobre Lausanne. Na foto, o magestoso e funcional Palácio de Beaulieu, sede da Feira Nacional da Suíça, onde se realizou a mais importante reunião da Igreja de Cristo para a evangelização do mundo no século XX, o Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial.



## Seminário de Campinas forma sua nova turma

### Faleceu dona Virginia, aos 75 anos

Aos 75 anos, foi promovida à glória no dia 23 de outubro último, D. Virginia Lewis Williamson. D. Virginia e Rev. David Williamson, missionários da então Missão Oeste do Brasil, deram 38 anos de suas vidas ao trabalho evangelístico aqui no Brasil: oeste de Minas e Goiás, onde são — com muito carinho — lembrados até hoje. Há anos sofrendo de terrível moléstia, seu estado agravou-se, exigindo a mudança do casal para Campinas antes do tempo aprazado, e posteriormente aos Estados Unidos. Neste período, Rev. David continuou trabalhando, respondendo pelo pastorado da Community Church. Passaram eles triste provação quando seu filho Davisinho, faleceu num acidente automobilístico. Não chegou a vir para o Brasil como missionário, como sonhava... Bettinha, agora mãe de três escolares, é casada com Jack Maxwell, também filho de missionários, pastoreia a I. Presbiteriana em McDowell Va.

Rev. David esteve no Brasil no começo deste ano, cuidando de sua mudança, revendo seu campo. Recebeu nessa ocasião, expressiva homenagem da I. Presbiteriana de Anápolis, em Goiás, seu último pastorado.

D. Virginia foi enterrada em Charlotte, Carolina do Norte.

Aos seus queridos, nossas palavras de conforto.

No dia 14 de dezembro, às 20 horas, o Seminário Presbiteriano do Sul, com sede em Campinas, no Estado de São Paulo, estará diplomando a sua maior turma dos últimos anos — 16 bacharéis em Teologia e 2 alunos especiais.

Num clima dos melhores, observando um aproveitamento muito bom. Todos os alunos estão integrados no trabalho presbiteriano da região, dando a sua colaboração a igrejas e congregações. O Conjunto Jovens de Cristo continua o seu trabalho visitando igrejas de diversos Estados, evangelizando e procurando despertar vozes para o ministério. O Centro Teológico Jorge Goulart, órgão representativo dos alunos, promove cultos evangelísticos todas as quintas-feiras, numa das praças centrais da

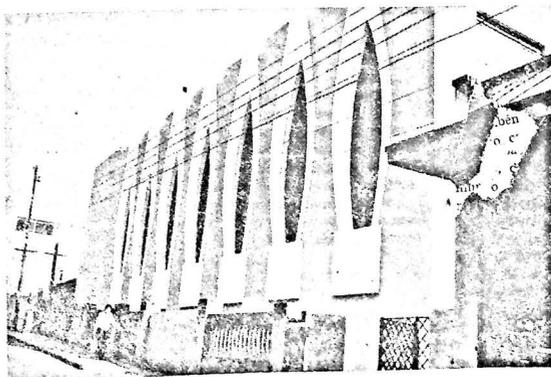
cidade, além de trabalhos especiais nas congregações presbiterianas da cidade. A vida espiritual do Seminário se encontra num nível nunca visto antes.

São os seguintes os bacharelados em Teologia, turma de 1974: Adão Carlos Ferreira do Nascimento, do Presbitério Rio Doce; Alder Souza de Matos, do Presbitério do Iguaçu; César Palmeira, do Presbitério de Itapetininga; Daniel Dantas da Silva, do Presbitério da Guanabara; Donald Bueno Monteiro, do Presbitério Sudoeste de Goiás; Elson Cavalcante Bittencourt, do Presbitério de Niterói; Gidalte Maria dos Santos, do Presbitério Rio Claro; Jader Sathler da Silva, do Presbitério de Brasília; Léa Siqueira, do Presbitério de Goiânia; Lim Hui Ching (Mônica) da Igreja Evangélica de Sousa; Ludgero Bonilha Mo-

rais, do Presbitério Borda do Campo; Luthero de Aguiar, do Presbitério Paulistano; Max Zeugner, do Presbitério de Botucatu; Nelson Duilio Bordini Marino, do Presbitério Rio Claro; Nodan Emerick Lourenço, do Presbitério de Campinas; e Williamsuar Figueiredo Corrêa, da Igreja Presbiteriana de Itapera. Os dois alunos especiais são: Adelfino Ferreira e Alanoel Ferreira, ambos formados pelo Instituto Bíblico e Seminário Palavra da Vida, de Atibaia, São Paulo.

A Congregação de Professores e os Bacharelados em Teologia convidam a todos os leitores para a solenidade de entrega de Diplomas e Colação de Grau, no dia 14 de dezembro, às 20 horas, no Salão Nobre do Seminário, à Avenida Brasil, 1.200. O orador sacro será o Rev. Américo J. Ribeiro, paraninfo dos formandos.

## NOVO TEMPLO



A foto mostra o templo da Igreja Presbiteriana de Campinas, localizada na zona central da cidade e tem como pastores o Rev. Carlos Aranha Netto e Rev. Júlio Andrade Ferreira. No dia 9 de agosto último, foi comemorado, com culto de Ação de graças, o seu 71.º aniversário de fundação, contando com a presença do Rev. Dr. José Borges dos Santos Jr., ex-pastor dessa Igreja e que lutou por ela e pelos seus membros. Na página 5, um comentário sobre aquele Templo.

## Nosso Endereço

Avenida Brasil, 800

Fone: 9-1894

CAMPINAS — SP

# Autoria do Apocalipse

REV. A. F. DE BRAGANÇA FILHO

de de companheiro, com realce na tribulação (Ap. 1:9), faz lembrar a referência ao apóstolo em Marcos 10:38-39, pois agora já Tiado havia servido o cálice, e chegara a vez de João.

Notável identidade há no sentido testemunhal de Jo 21:24 e de Ap 22:8.

Salienta-se o confronto de várias expressões:

Outros livros de João  
Jo 16:33;  
1 Jo 2:13; 4:4; 5:4

Jo 12:47; 14:15; 14:21;  
15:10; 17:6; 17:11;  
17:15

1 João 2:3; 5:21

Jo 2:25; 3:11; 3:26;  
3:32; 4:39; 5:31;  
5:33; 5:34; 5:36;  
7:7; 8:13; 8:17; etc.

Jo 4:10-14; 7:38

Jo 1:1; 1:14;  
1 Jo 1:1  
Jo 1:29; 1:36; 21:15

Obviamente, tal conclusão não poderia, de modo algum, ter a consistência de uma comprovação matemática, todavia, dentro das limitações inerentes à possibilidade de uma conclusão neste terreno, parece-nos que tem suficiente respaldo.

Primeiramente o texto diz que o autor se chamava João. Grande parte da literatura apocalíptica, que surgiu na época pós-exílica, é apresentada sob um pseudônimo.

Visto que naquela ocasião a Revelação de Deus estava encerrada, até a vinda do Messias não havia condição para nenhum novo livro, nenhuma nova mensagem; quando muito algum dos antigos profetas poderia reiterar, ou renovar, em termos atualizados, a sua já conhecida mensagem. A formação definida do A. T. não favorecia credencial a novos autores. Por este motivo multiplicaram-se os apocalipses apócrifos sob pseudônimos, tais como o "Livro de Enoque", "Assunção de Moisés", etc..

Outro motivo para o uso dos pseudônimos seria a segurança do autor, de vez que a literatura deste gênero profetiza a derrocada do domínio estrangeiro, a vitória e a restauração do Reino de Israel pela Providência Divina; sendo apresentada como de um autor do passado, não geraria perseguições, nem mesmo investigações contra ele.

Entretanto, condições bem distintas em certo aspecto, caracterizavam a época em que foi escrito o Apocalipse de João.

Agora, a maior autoridade de qualquer escritura residiria no seu relacionamento com o Senhor Jesus. Por isto, os livros do N.T. surgem trazendo esta linha predominante, e se o nome do autor é indicado, como nas epístolas, isto produz o sentido pessoal da mensa-

gem e, ao mesmo tempo, constituiu o selo da autoridade apoiada na relação existente entre ele e o Senhor Jesus.

Quanto à segurança pessoal, já não há qualquer preocupação análoga a dos tempos passados porque, agora, não mais se focaliza a restauração do Reino de Israel nos termos políticos e restritos com que era antes encarada; mesmo quando alguma restauração é pré-anunciada no sentido escatológico, como ocorre em Rm 11, esta restauração abrange claramente toda a humanidade, e, não contendo nenhum elemento exclusivista político-nacional, o seu autor não se oculta temeroso, mas antes ostenta claramente a sua identidade.

Portanto, somos levados a aceitar que o autor se chamava realmente João, tal como o afirma.

Forçoso é reconhecer que o João mais relacionado com o Senhor Jesus, mais conhecido entre os cristãos e de maior autoridade para lhes escrever nos termos em que o faz neste livro é sem dúvida o apóstolo, filho de Zebedeu.

A favor desta opinião encontramos a prova externa, na melhor tradição, a opinião dos mais antigos Pais da Igreja: Justino, o mártir, na sua obra "Diálogo com Trifo, o Judeu": "... conosco viveu um certo homem chamado João, um dos apóstolos de Cristo, que profetizou por uma revelação que

lhe foi feita, que os que crescem em nosso Cristo habitariam mil anos em Jerusalém;..."; também Irineu, não só afirma a autoria de João, o apóstolo, como acrescenta que o livro foi escrito no tempo do imperador Domiciano.

Também Clemente e Orígenes, de Alexandria, Tertuliano, de Cartago, e Hipólito, de Roma, que viveram no 3.º século, acham ter sido João, o apóstolo, o autor do Apocalipse, conquanto não tivessem nenhum informe de primeira mão.

Contudo, no consenso geral de Basílio, o Grande, Atanásio, Ambrósio, Cipriano, Agostinho e Jerônimo, é aceita a autoria do apóstolo, sem admitir qualquer dúvida.

Mesmo Eusébio, que admite a questão como passível de dúvida, não rejeita a autoria do apóstolo.

Sob o ponto de vista da evidência interna, surge a discrepância entre a forma literária, o estilo e a qualidade do idioma grego encontrado neste livro e o do 4.º Evangelho, assim como das epístolas joaninas.

Estes últimos são escritos em grego correto, no que tange ao vocabulário e à gramática, ainda que adotando moldes judeus para expressar suas idéias; em contraste, o Apocalipse apresenta nível literário acentuadamente baixo, conside-

rado mesmo sem orientação gramatical, infringindo as regras de concordância gramatical e de declinação.

Smith (The American Commentary on the New Testament, citado por RAY SUMMERS em "Digno é o Cordeiro") oferece a solução de que o 4.º Evangelho foi escrito aproximadamente no ano 78, enquanto que o Apocalipse só o foi no ano 96, quando o autor já teria perdido o seu antigo vigor literário, e voltara a linguagem da sua modocidade.

Esta explicação pode ser válida, pelo menos em parte, entretanto parece de maior força o fato de que o 4.º Evangelho deve ter sido escrito em circunstâncias muito mais favoráveis, quando o autor se encontrava cercado dos seus irmãos na fé, gregos, que lhe podiam oferecer apoio e eliminar eventuais dificuldades linguísticas.

De resto, face ao texto bíblico em At 4:13, é justo supor que João infringisse facilmente a gramática, mormente de uma língua que não era a sua. Portanto, sem o auxílio dos irmãos gregos, preso na ilha de Patmos, cercado por várias circunstâncias desfavoráveis, tanto físicas quanto emocionais, não é de admirar que tenha produzido uma peça literária bem inferior, sob o ponto de vista exclusivamente gramatical.

Mas se o aspecto gramatical apresenta motivos que levam alguns críticos a duvidar da autoria joanina, em outros aspectos a prova interna lhe é grandemente favorável.

A citação da sua qualida-

Expressão	Apocalipse
Vencer	5:5 6:2 12:11 17:14
Guardar	1:3 2:26 3:3 3:10 10:4 22:7
Testemunho	1:2 6:9 12:11 15:5 19:10 22:20
Água da Vida	21:6 22:1 22:17 19:13
Verbo	5:6 5:12 6:16 etc.
Cordeiro	5:6 5:12 6:16 etc.

Especialmente as expressões "Água da Vida" e "Verbo" são exclusivas da literatura joanina.

Assim concluímos que o autor certamente deve ser o apóstolo João, quer por força da evidência externa, quer pela interna.

# Receituário Jurídico

ORLANDO CORDEIRO

## O DIREITO SÓ EXISTE QUANDO LUTAMOS POR ELE

"Se vós viveis na paz e na abundância, é porque um outro lutou e trabalhou por vós" (Rudolf von Jhering, in "A Luta pelo Direito").

O inolvidável mestre do direito, Jhering, (pronuncia-se *iering*), que, no século passado, por longos anos, pontificou como inextinguível brilho na cátedra de direito civil da Universidade de Goettingen, pequena cidade alemã, entre suas magníficas contribuições que legou à posteridade, como o "Espírito do Direito Romano", deixou-nos uma obra de real e significativo valor, denominada "A LUTA PELO DIREITO".

O genial mestre do direito de Goettingen sustenta nessa obra que,

"A AFIRMAÇÃO DO DIREITO É UM DEVER DO INDIVÍDUO PARA CONSIGO MESMO E PARA COM A SOCIEDADE"

Destarte nada mais errôneo do que dizer, como frequentemente se ouve por aí, "o prejudicado sou eu e ninguém tem nada a ver com isso". Simplesmente errada semelhante atitude, que esquece que, nem sempre o que é nosso é somente nosso. De fato, aquilo que, prima facie, parece-nos apenas como algo que é só nosso, pessoalmente, ou estritamente subjetivo, na realidade, quando aprofundamos suas consequências, acabamos por verificar que a coisa de que dizemos ser estritamente de nosso interesse, diz respeito também à nossa família, aos nossos filhos, à entidade a que pertencemos ou à sociedade onde vivemos.

Com efeito, ninguém de bom senso deve abrir mão de qualquer direito, por insignificante que seja, presumindo que com isso esteja a beneficiar a coletividade. Ao contrário, o que se está a fazer é criar um mau precedente, estimulando os arbitrários, os violentos, os injustos e ilegítimos que assim continuam a desrespeitar leis e direitos garantidores da estabilidade social.

Se a empregada doméstica, que deve ser registrada no INPS por seus patrões, abre mão de seus direitos apenas para não "criar caso", ou porque maliciosamente lhe disseram que isso poderia prejudicá-la com a diminuição de seus salários, aparentemente está só negligenciando um direito seu. Entretanto, futuramente, quando a adversidade lhe bater às portas, acometida por grave enfermidade ou arcaída sob o peso inevitável dos anos, então irá sobrecarregar os outros parentes, amigos ou estranhos, porque mesmo quando se está à mercê da caridade pública num asilo, os demais membros da coletividade são onerados por alguém que dependa da caridade social.

O mesmo se diga do operário, ou do trabalhador intelectual que relega ao abandono seus direitos (ou privilégios) por julgar que, só por serem seus, ninguém tem nada a ver com isso. Se no presente a sorte lhe é favorável, advirta-se que, de repente, tudo pode mudar depressa, e o professor, ou o ministro evangélico que ontem desfrutava de situação até mesmo invejável, de repente pode achar-se às portas de grave crise, seja porque a saúde lhe fraquejou, seja porque o equilíbrio econômico que mantinha rompeu-se inesperadamente por

qualquer imprevisível evento.

Frequentemente isto ocorre pelo falecimento do chefe de família. Ficam por aí seus familiares a sofrerem as consequências da imprevidência daquele que, embora muito bom, digno e honrado, renunciou a seus interesses (que na realidade eram irrenunciáveis, pois diziam respeito à sua família), apenas por uma caprichosa atitude ou por descuidada displicência. Por certo, futuramente nem sempre sua memória será evocada com aquela devoção e carinho que deveria merecer. Por quê? Porque julgou que podia abrir mão daquilo que, efetivamente, não lhe pertencia em totum.

Se o meu boi, por ser matreiro e arrombador, se vai para o pasto do vizinho, e eu não ligo importância não indo logo reclamá-lo, deixando para fazê-lo só no outro inverno, provavelmente perderei o animal por tê-lo abandonado. Ninguém tem nada a ver com isso. Pois, sim... o futuro dirá se o prejuízo não atingiu também a toda família e se não sobrou alguma coisa até mesmo para o João, que não é nem parente nem conhecido, mas que é membro da sociedade à qual pertence.

Se o seu Bento abandonou o sítio em mãos de estranhos e por displicência ou por teimosia deixa de reclamá-lo em tempo, ocorrerá que, com o passar do tempo, o possessor adquira o direito de proprietário do sítio e, requerendo-o à Justiça, esta lhe reconhece o domínio pelo abandono, através do instituto do usucapião. Aparentemente, foi o seu Bento o único prejudicado. Esqueceu-se, todavia, que tem mulher, filhos e outros dependentes que, de futuro, poderão sofrer as consequências do ato impensado do bom, dig-

no e honrado homem, mas que, nem por isso, deixará de ter reprovada sua conduta pelo descaço com que se houve. Julgou que se tratava tão somente de um direito seu, uma questão estritamente subjetiva e que ninguém tinha nada a ver com isso. Lamentável engano. No mundo de hoje, nada nos pertence com exclusividade, nem mesmo, última análise, a nossa própria vida, que é um dom da Providência e que em parte pertence à terra e em parte pertence a Deus, segundo o ensinamento do sábio Salomão (Ecl. 12:7).

Todos vivemos num mundo onde impera a injustiça. Toda a luta dos poderes constituídos da sociedade democrática atual é corrigir as injustiças. Não podemos fixar já agora um conceito do justo, pois o justo, não raro, se transforma em injusto, e vice-versa. A evolução jurídico-social dos povos conhece inúmeras transmutações desta natureza. Compreendendo esta dificuldade do conceituar o justo, os romanos formularam um conceito muito prático da justiça: "*Juris procepta sunt hoc: Honestè vivere, alterum non Loedere, suum cuique tribuere*", que significa: viver honestamente, não prejudicar a outrem e dar a cada um o que lhe pertence, são estes os preceitos da justiça (Institutas, I, 3).

Sentindo a dificuldade que a conceituação da justiça implicava, porém premido pelo notório espírito de síntese que seus juristas exigiam, o jurista consulo Paulo assim exprimiu a idéia de justiça: "JUSTITIA EST CONSTANS ET PERPETUA VOLUNTAS JUS SUUM CUIQUE TRIBUENDI" (Inst. I, 1) - "A justiça é a firme vontade de sempre dar a cada um

o que for dele". Destarte, se nós abrimos mãos do nosso direito, esquecendo-nos que esse direito também pertence a outros, estamos sendo injustos, pois que agimos em desconformidade com o preceito romano, base e fundamento de toda a infra-estrutura do direito moderno.

No mundo, todo direito foi adquirido pela luta, a luta impôs todos os princípios de direito que hoje vigoram aqueles que não os queriam; e todo direito, o de um povo, ou de um indivíduo, pressupõe que há alguém prestes a defendê-lo. O direito não é uma idéia lógica, mas uma idéia de força; é a razão, porque a justiça (Themis) que suspende em uma das mãos a balança em que pesa o direito, empunha na outra a espada, que serve para fazê-lo valer. A espada sem a balança é a força brutal, a balança sem a espada é o direito impotente. Eles se completam mutuamente, e realmente o direito reina somente quando a força despendida pela justiça para sustentar a espada corresponde à habilidade que ela emprega em manejar a balança.

O direito é o trabalho sem tréguas, não somente por parte do poder como também de todo o povo. Se nós apanharmos com um golpe de vista toda a história, esta pode nos oferecer o espetáculo de uma nação inteira dependendo continuamente para defender seus direitos, esforços tão penosos quanto ela despende no desenvolvimento de sua atividade no domínio da produção econômica e intelectual. *Todo homem que cumpre a obrigação de manter o seu direito, toma parte nesse trabalho nacional e contribui na medida de suas forças respectivas para a realização do direito sobre a terra.*

A idéia do direito encerra uma antítese que surge da idéia mesma e dela não se pode absolutamente separar: a luta e a paz. A paz é o termo, o fim do direito. A luta é o meio de chegar a esse termo, de conseguir esse fim do direito.

Eis, em síntese, o pensamento do genial mestre de Goettingen, Jhering, em sua LUTA PELO DIREITO. Ninguém pode conseguir seu direito se não lutar arduosamente pela sua conquista. Abrir mão de direito que nos pertence, última ratio, é prejudicar a segurança e tranquilidade de nossa própria família e, até certo ponto, atentar contra a estabilidade social.

Em se tratando dos servos do Senhor, que diremos? Devemos procurar socorrer-nos das autoridades seculares? Não há dúvida que assim nos aconselham as próprias Escrituras Sagradas. Vejase o ensinamento incoerente do douto apóstolo Paulo, neste passo:

"Toda a alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus.

Por isso quem resiste à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação.

Porque os magistrados não são terror para as boas obras, mas para as más... Porque são ministros de Deus para teu bem..." (Rm 13-14).

(Qualquer consulta jurídica sobre direito civil, penal, trabalhista ou previdenciário, deve ser encaminhada a este jornal, sob o título "RECEITUÁRIO JURÍDICO", aguardando a resposta pela mesma seção).

# Uma Igreja ameaçada

EDUARDO LANE

Nos primeiros dias da ainda jovem Igreja Cristã de Jerusalém, seus membros sofriam constantes e continuadas perseguições das autoridades e do povo da região, porém, mesmo assim, diz nos o livro de Atos dos Apóstolos, não deixavam de falar das coisas que viram e ouviram sobre a Pessoa de Jesus Cristo. Certo dia, dois de seus líderes foram levados presos diante da mais alta assembléia dos judeus e, acusados de herejes e seguidores deste Jesus. Após o interrogatório, os juizes ameaçaram estes homens e os advertiram a não mais falarem de Cristo. Soltos, procuraram os crentes, reunidos em oração, e contaram tudo que lhes sucedera diante das autoridades. O povo cristão, ouvindo o relato e impressionado com os acontecimentos, dirigiu-se ao Senhor da Igreja e rogou: "Senhor, olha para suas ameaças e concede as tuas servos que anunciem com toda a intrepidez a tua palavra" (Atos 4:29).

Estava aí uma igreja ameaçada, cujos membros, por isso mesmo, desejavam receber mais coragem e disposição a fim de anunciar o Evangelho de Cristo. Quanto mais intimidada e acuada, mais ousada manifestou aquela igreja ameaçada. Esta tem sido, através dos tempos, a história da Igreja Cristã: ameaçada, entretanto, sempre, com intrepidez, e pregando o Evangelho! E, hoje, em todos os cantos do mundo, a mesma igreja sofre toda sorte de ameaças e pressões, mas, graças ao Senhor a que ela pertence, continua a anunciar a graça salvadora, e persevera em dizer: "não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos sobre Jesus Cristo". Mas, essas ameaças tomam diferentes e variadas formas, e não podemos deixar de lembrar alguns aspectos existentes na igreja, hoje, principalmente no selo da Igreja Evangélica Brasileira.

A igreja, como organização, está ameaçada quanto ao que se entende como sua missão. Muitos continuam a discutir quanto aos objetivos e modo de ação da igreja frente aos problemas relevantes de nossos dias, ignorando muitas vezes a ordem clara, simples e objetiva dada por Cristo, momentos antes de sua ascensão, deixada com aqueles que formavam o início da Igreja: "seréis minhas testemunhas". Não há dúvida para quem quer entender: a missão principal da igreja é testemunhar de Cristo. Quando Pedro e João estavam diante da corte Sinédrio, receberam ordens para que "absolutamente não falassem nem ensinassem em nome de Jesus". Todavia, conscientes da sua missão, responderam com coragem e firmeza: "não podemos deixar de falar".

As ameaças feitas encontram resistência naqueles primeiros cristãos. Um historiador contemporâneo escreve que João Calvino e seus seguidores tinham a capacidade excepcional de colocar suas posições com "clareza e lógica". Se a Igreja de hoje, e mais particularmente a igreja evangélica brasileira, e ainda mais especificamente a Igreja Presbiteriana do Brasil, não anunciar com intrepidez e não colocar com clareza e lógica o Evangelho de Cristo, então estará severa e irremediavelmente ameaçada, e logo deixará de existir como igreja, podendo ser qualquer outra col-

# Discernindo o corpo do Senhor

JULIO ANDRADE FERREIRA

"Pois quem come e bebe, sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si". I Cor. 11:29.

Eu era estudante em Campinas e muitas vezes descia ao centro da cidade em companhia de colegas. No largo do Rosário, então pequeno e arborizado, vinham ter todos os bondes da cidade, de modo que ali estavam os pontos de partida de todos os itinerários. O nosso era o bonde da Av. Saudade. Quando o aguardávamos, na descida pela Rua Barão, os colegas podiam saber, de longe, qual era o nosso. Podiam ler o letreiro, quando eu apenas lhe divisava o grande vulto gigante. Fui ao oculista. Que surpresa reveladora a de poder olhar através das lentes; elas me punham em contato com o novo mundo de contornos nítidos e de nuances coloridas.

Só então percebi que vivera muito tempo sem discernir a imagem das coisas.

Essa experiência me leva a considerar o valor da advertência de São Paulo, no texto indicado, quando diz: "... quem come e bebe, sem discernir o corpo, come e bebe juízo para si".

É um apelo imperioso. Discernir significa ver com nitidez. É assim que nos aproximamos da Mesa do Senhor? A participação no alto privilégio da Comunhão implica em participação na alta responsabilidade de viver cristamente. Até onde o conteúdo doutrinário da Ceia nos ajuda a tomar opções responsáveis?

Para responder a tais perguntas e fazer face a tais preocupações, importa em busca dos usos bíblicos da expressão — corpo do Senhor. Tentemos fazer esse balanço.

Tomemos a expressão primeiramente no sentido mais elementar — Corpo físico. Nascido em Belém, em humilde recanto, e posto em mangueira, envolto em panos; crescido em Nazaré, enquanto corria pelas colinas, suaves, tornava-se receptáculo da graça que o fazia cada vez mais sábio e bom; levado aos recantos da Palestina, por estradas poeirentas e servido por santas mulheres, esse corpo da Encarnação contra toda a justiça, foi entregue para ser objeto de escárnio.

Esse corpo de Jesus, pregado na cruz e alancado, é o que está representado nos elementos da Ceia. Até onde, tomando parte nela, o vemos com nitidez? Até onde discernimos o corpo do Senhor?

Ao visitante que adentre nossos templos nessas ocasiões há de parecer estranho que pessoas, pelo menos aparentemente sérias e

sensatas, tomem o pão em quantidade que não alimenta e bebam um cálice que não pode satisfazer. E que, não sendo iniciados, não lhes é dado discernir o corpo do Senhor.

A Ceia é uma preciosa lembrança: — "Fazei isto em memória de mim"...

Esse é o aspecto mais destacado da significação da Eucaristia a ponto de já se ter chegado ao exagero (como é o caso do reformador Zwinglio) de reduzi-la a isso apenas. O estranho nem isso vê; mas o crente precisa ver mais que isso. E o caso de se perguntar logo: Que mais?

Tomemos a expressão no sentido escatológico — o Corpo glorioso. No mesmo registro da tradição da Ceia, o Apóstolo, após ter apontado o passado (Ceia como memória), aponta também o futuro (ceia como profecia) — "até que Ele venha..." Ao nos atermos à Mesa ficamos nessa tensão entre o passado e o futuro (Primeira e Segunda Vinda de Cristo) e dela não podemos escapar. Tal como a corda do instrumento que só quando tensa pode desferir os sons, assim nós, só mediante tal desafio podemos ter autenticidade cristã.

Das ressurreições mencionadas na Bíblia, apenas a de Cristo foi definitiva. Jesus ressuscitou para não morrer nunca mais, seu corpo glorificado subiu ao céu. Por isso, só dele se diz que foi "primícia dos que dormem". Lázaro, o filho da viúva da Naim, a filha de Jairo, e outros ressuscitados por Eliseu (no V. T.) ou por Pedro e por Paulo (em Atos) experimentaram de novo a vida, mas apenas por um lapso de tempo. Eles, como nós, aguardam a ressurreição final, cujo penhor é exatamente o corpo glorioso do Senhor. Este deve ser discernido na Ceia, pois que esta é a profecia de seu retorno triunfante. Podemos dizer que o corpo físico de Jesus é apreendido, na Mesa do Senhor, através da Fé, mas seu corpo glorioso é pela Esperança. Esperança tanto mais significativa, quanto mais nos alenta face ao luto, quando deixando o corpo santo, retornamos ao lar com o imenso vazio pela ausência do querido que se foi.

Mas, não paremos aí. Há também, na Bíblia, um terceiro uso da expressão corpo do Senhor. É o corpo do qual ele se constituiu cabeça. É a Igreja. Mais de uma vez essa imagem emerge da pena de Paulo. "Nós somos um só corpo"..." Todos nós, individualmente, somos membros desse corpo.

Em I Cor. 12, o capítulo que se segue ao do registro da tradição da Ceia, o Apóstolo toma esse símile e o explora com requintes de imaginação. Talvez fosse esse o sentido mais premente em que São Paulo desejava viesse a ser discernido o corpo do Senhor. Então, somos, pois, a expressão no sentido atual — o corpo eclesial.

No próprio momento da Santa Ceia há necessidade imperiosa desse discernimento. Quem toma? Quem não toma? Alguns adotam critérios visíveis como o rol da congregação; outros fazem apelo à consciência dos presentes, uns proclamam critérios sociológicos: são convidados os que pertencem a igrejas que aceitam a Cristo como único Salvador e que estão em plena comunhão... Há outros que, recendo talvez juízo temerário não estabelecem critério. A mesa é do Senhor, dizem; não é nossa. Quem, em consciência, quiser tomar dos elementos, que o faça!

Qual é afinal o corpo do Senhor numa hora dessa? Como se-

parar numa congregação, que se reúne para a Ceia, os que fazem parte da real Igreja de Jesus Cristo?

Deus certamente discerne os que são seus. Nós não temos critérios objetivos infalíveis; mas, o que o texto recomenda é o critério interior, em que cada qual deve se perguntar — discernindo o corpo do Senhor — se é realmente membro desse corpo.

Descobrimos assim que na Ceia, além do passado (a memória) e do futuro (a profecia) há um presente importante e desafiador (o juízo). Não juízo de um sobre o outro, mas de cada qual sobre si mesmo, e isto na presença de Deus. Há um retrospecto na própria vida da pessoa, para levá-lo ao arrependimento do pecado; há também uma perspectiva, pela formulação de novo propósito de fidelidade. Assim, o quadro se completa. No momento em que alguém, em consciência, resolve tomar a Santa Ceia, julgando-se parte do corpo de Cristo, há mais do que Fé e Esperança. Há amor. Há decisão de servir a Deus.

Tenho observado, na experiência pastoral, que muitos se iludem quanto a este assunto. Alegam que não estão em condições e que, por isso, não vão tomar a Ceia. Teria o Apóstolo dito: Examine-se e não tome? Bem o contrário: "Examine-se e tome". Não tomar a Ceia é dar as costas a Cristo, pois que a pessoa continua com o pecado. Importa fazer o contrário: Tomar a Ceia, dizendo sim a Cristo, e dando as costas ao pecado. Quem toma parte na Ceia em nome de sua perfeição? Ninguém. Todos a tomam em nome do perdão que Deus oferece. Nessa hora devemos aceitar o novo começo.

Mas, diz alguém, precisaria fazer as pazes com meu adversário. É claro que devemos fazer as pazes com nossos adversários ("Se possível o quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens"; "Deixa a oferta sobre o altar, vai reconciliar-te..."); sim, é claro que devemos fazer as pazes com nossos adversários. Mas, a ordem é que o assunto deve ser resolvido primeiro diante de Deus, o que pode ocorrer na hora da Ceia, e então o resultado será inevitável. Feliz depender a participação na Ceia de uma busca de adversários, seria o mesmo que esquecer o Deus presente. Se o inimigo morreu não se toma mais a Ceia? Afinal, não é pelo perdão que podemos participar da ordenança do Senhor? E porque não são invocados outros pecados irremediáveis, dos quais só pelo perdão oferecido na cruz de Cristo é que nos libertamos?

"Examine-se o crente a si mesmo e tome..." Isso é discernir o corpo do Senhor.

Eis, pois, o triplice desafio da Mesa do Senhor. Passado, futuro e presente. Fé, Esperança e Amor. Primeira e Segunda Vinda e, entre elas, a Igreja. Deus estava em Cristo reconciliando o mundo e nós mesmos. Mas Ele se faz presente pelo seu Espírito na Ceia do Senhor, para renovar em cada um de nós a experiência dessa reconciliação. A Mesa do Senhor é mais do que um compêndio de Teologia: é um Calvário — não para repetir o sacrifício de Cristo, já feito uma vez por todas — mas para depormos sobre esse altar o nosso coração. Dada a nossa contingência, a renovação dessa oferta é imprescindível. Cristo estabeleceu a ordenança — "fazei isso"; Paulo, o critério — "discernindo o corpo do Senhor".

# Gôtas de Doutrina

ODAYR OLIVETTI

"Goteje a minha doutrina como a chuva..." (Dt 32:2)

1 — DOCTRINA E SABAO  
O caboclo chegou e disse: "Poi bom e sermão, pastor. Os crentes estão precisando de doutrina." Estranhei um pouco, porque o sermão pregado não era propriamente doutrinário; era hortativo, isto é, era para exortação. Quer dizer que quando o caboclo - meu irmão em Cristo - falava em doutrina, estava de fato falando em exortação, censura, repreensão. Quando dizia: "Poi bom passar sabão nesta igreja".

2 — FE E PRÁTICA  
Quando dizemos que "a Bíblia é a nossa única regra de fé e prática", estamos distinguindo duas dimensões, quanto ao nosso relacionamento com a Palavra de Deus escrita. "Regra de fé" refere-se à doutrina propriamente dita; "Regra de prática" refere-se ao comportamento, à conduta, à ação. É certo que tudo o que serve para ensinar, instruir, é doutrina. De modo que o ensino das coisas mais práticas constitui doutrina. Mas também é bom distinguir entre doutrina e conduta. Não que elas são independentes uma da outra. Não. Pelo contrário, a conduta é autêntica quando ela decorre da doutrina, e a doutrina é vá se a pessoa a aceita mas não vive de acordo com ela. A doutrina orienta o nosso pensamento; o nosso pensamento orienta a nossa conduta. A advertência de Tiago de que a fé sem obras é morta tem relação com o que estamos expondo. Doutrina sem conduta equivalente é morta. Também se relaciona com isto a seguinte palavra de Paulo: "Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo vestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues (Romanos 6.17).

3 — "APRENDEI DE MIM"  
Jesus Cristo é o grande Doutrinador, porque Ele praticou com perfeição os ensinamentos que ministrou. Há em Jesus Cristo plena harmonia entre a convicção doutrinária e a conduta, entre a fé e as obras. Tome por exemplo, as bem-aventuranças, "quadro descritivo do caráter dos filhos de Deus. Quem corresponde a esse retrato? Jesus Cristo.

Vale a pena, pois, aprender dele a doutrina. Ele a ensina e a pratica à perfeição. E nos dá capacidade para amá-lo, para amar a Sua doutrina e para progredir na sua prática.

Sejam discípulos - alunos - assistidos, modestos, obedientes daquele que nos convida: "Aprendei de mim." (Mateus 11:29)

**Jornal Presbiteriano**  
Um órgão autônomo a serviço da Igreja Presbiteriana do Brasil.  
Publicação mensal — Circulação nacional.  
Diretor-proprietário: Dr. EDUARDO LANE, III  
Editor: EVALDO A. VICENTE  
Redator: GERALDO NUNES  
Secretário: REV. ASTROGILDO DE OLIVEIRA GODOY  
Tesoureiro: ALBERTO KUYUMJIAN  
CONSELHO EDITORIAL: Presidente — Rev. Silas de Campos; Membros — Rev. Américo J. Ribeiro, Rev. João Dias de Araújo, Rev. Waldyr Carvalho Luz, Rev. Carlos Aranha Neto, Dr. Leônicio Menezes, Zulmira Valim Brizola.  
Circulação: EDUARDO LANE, IV  
REDAÇÃO: Av. Brasil, 800 — CAMPINAS — São Paulo  
A correspondência deve ser enviada para JORNAL PRESBITERIANO — Caixa Postal, No 7 — 13.100 — CAMPINAS — SP. —  
Fone: 9-1897.  
Composto e Impresso no jornal "TRIBUNA DE PIRACICABA" — Rua Voluntários de Piracicaba, 610 - Fone: 3-3099 - PIRACICABA - Est. de São Paulo  
Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores, os quais nem sempre expressam a opinião da Direção.

# Lausanne: uma chamada à evangelização

## Seção Bibliográfica

Silas de Campos

**LIÇÕES DE RETÓRICA SAGRADA**, por Rev. Prof. Herculano de Gouveia Junior, Campinas, 1974, s. c. p. - 120 pág. - crs 12,00.

O nome do Rev. Herculano de Gouveia Jr. se impõe com admiração e respeito entre os ministros presbiterianos e os de outras denominações evangélicas que vieram estudar no Seminário Teológico Presbiteriano de Campinas. O finado mestre dedicou-se ao ensino da Homilética - a retórica sagrada - por mais de quatro décadas.

Agora, pelos esforços de sua dedicada filha Maria Elvira Gouveia e com assistência do filho, há pouco chamado por Deus, Dr. Herculano de Gouveia Neto, sai a lume o livro em epígrafe, dando-nos a conhecer as notas de aula do tão caro e festejado professor.

Divide-se o livro em três partes. A primeira refere-se à classificação e partes constituintes do sermão - exórdio, explicação, tema ou proposição, argumentação e conclusão - das ilustrações e elocução. A segunda parte vem ter a exemplificação da primeira com sermões em germe, esboço com outros breves, e tecnicamente elaborados sermões. E por derradeiro, conclui a terceira com Notas Adicionais e que ampliam e aplicam a primeira.

Quem teve o privilégio de conhecer o Rev. Herculano e estudar a seus pés, vai sentir e perceber o seu estilo todo particularíssimo, comunicativo e cheio de verve.

Nossa literatura se enriquece com essa publicação, momentaneamente pelo seu caráter didático e prático, abordando o essencial e substancial, sem se tornar um livro estritamente técnico, exaustivo e maçante.

De conteúdo útil e proveitoso aos seminaristas, pastores, pregadores, leigos e a todos quantos desejarem conhecer os meandros da bela e inextinguível arte de pregar. A apresentação gráfica é em brochura tamanho 13 x 18 cm. impressa em tipos corpo dez, com 102 páginas.

**BILLY GRAHAM - BIOGRAFIA AUTORIZADA**, por John

Pollock, Belo Horizonte, Editora Betânia. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira, 1974, 278 pág. ilustrado, crs 20,00, tamanho 13 x 21.

Temos aqui um inglês, pastor e jornalista, biografando um americano. E para a realização desse trabalho - "uma biografia autorizada" - John Pollock entrevistou pessoas nos Estados Unidos, Europa, Austrália, Nova Zelândia, além de tomar mais de vinte horas do próprio biografado; sua parentela e arquivos particulares foram consultados em quantidade.

Ao que eu saiba, é a primeira história do maior evangelista de nosso século e, quiçá, de todos os anteriores. A verdade é que homem algum na História já falou ao vivo para mais de sessenta milhões de pessoas, como no caso de William Franklin Graham Junior, o popular

e notável servo de Deus Billy Graham!

Hoje com mais de cinquenta anos - nasceu em 7-11-1918 - Billy Graham continua sendo o instrumento usado por Deus para a comunicação do evangelho às massas.

O livro de Pollock, dividido em cinco partes, relata-nos todos os grandes movimentos e campanhas do inolvidável pregador, até o fim da década de 1960, a saber: I - Menino do Campo: 1918-1949; II - Meteoro da Morte do Século: 1949-1953; III - "A Deus Denos Glória": 1954-1955; IV - O Vasto Mundo: 1956-1959; e V - A Nova Era: 1960.

A leitura é tão atraiante quanto absorvente e cativa a atenção desde o princípio. O livro, belamente impresso e ilustrado, traz algumas fotos do biografado, seus familiares, componentes de sua equipe e de algumas campanhas. De Billy Graham escreveu o finado general e ex-presidente americano Dwight Eisenhower: "Um evangelista que pode relacionar as suas crenças espirituais básicas aos espinhosos problemas diários".

Verdadeiramente, quando Deus chama alguém para o seu trabalho este o será desempenhado entre estadistas, governantes e reais, como entre os mais pobres e desafortunados na vida material e espiritual. Eis o que Billy Graham vem fazendo em nossos dias.

**FILHOS PRECISAM DE PAIS**, por J. Allan Petersen, S. Paulo, Editorial Fiel Ltda., sem nome do tradutor, 1974, 120 pág., formato 10 x 18, Crs 9,00.

Um dos grandes problemas da atualidade é o do relacionamento pais e filhos. Partindo de Efésios 6:4, o autor selecionou breves e oportunos tópicos sobre tão inesgotável tema.

A medida que a população do mundo cresce e os meios de comunicação se massificam, passamos a conhecer mais a fundo os problemas que infelicitem a todos os homens. Biblicamente o problema humano se resume numa palavra: o pecado. Por sua causa, casais não se ajustam e de seu desentendimento vem o desquite, o divórcio ou a simples separação de fato, com marcas e cicatrizes profundas na vida dos filhos, a ponto de estes virem a projetar em seus futuros cônjuges os erros que trazem do lar desajustado. E com isso vemos um mundo preso a um círculo vicioso de infelicidade conjugal. E não se pode esperar que pais infelizes comuniquem felicidade a seus filhos, pois ninguém dá o que não tem.

Assim, uma pequena brochura de 10 x 18 cm - livro de bolso - procura ajudar ao leitor, como uma pequena luz em densas trevas.

A tradução é boa, mas nos diálogos não vemos as regras da pontuação da gramática portuguesa, deficiência essa que vem se generalizando em várias traduções do inglês. Os editores, porém, poderão corrigir a falha nas edições futuras e esta observação em nada desmerece o livrinho tão proveitoso e oportuno.

Elvon Cavalcante Bittencourt

Rendo mil graças ao Deus Altíssimo pelo privilégio de ter tido a oportunidade de participar de um dos eventos magnos que, sem sombra de dúvida, contribuiu para que mais uma página do último capítulo da História da Igreja Cristã fosse escrita, antes da volta do Senhor Jesus: o Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial.

Foi realmente a Igreja de Cristo espalhada na face da terra, representada por: 2430 participantes, 570 observadores, 361 esposas, 410 reporteres de 51 países, e 280 jovens-mordomos, num total de 4051 pessoas de 150 nações do mundo (mais do que as que se representam na ONU) que se reuniram de 16 a 25 de julho passado, na histórica e linda cidade de Lausanne, na Suíça (cidade em cuja catedral, entre outros even-

tos históricos realizou-se no ano de 1536 a "Disputa de Lausanne" em que participou João Calvino).

O tema geral do Congresso foi: "Que o mundo inteiro ouça a voz de Deus" (baseado em Mt. 24:14), e o assunto predominante: "A Evangelização Mundial neste século 20".

Em Lausanne mais ainda me conscientizei de que a desagregação do nosso mundo e a incapacidade do homem por si só de agarrá-lo, e de que isto representa um desafio ao povo de Deus no sentido de reconsiderar o significado de "missão" "evangelização", "salvação" e "conversão". E de que as orações da Igreja de Cristo clamam por novos ventos de um genuíno avivamento espiritual e de um avanço evangelístico que tem de necessariamente realizar-se neste século. E foi este Congresso um real Pentecoste do Século 20. Sei que após ele

multas coisas hão de mudar-se no seio da Igreja do Senhor.

Em Lausanne senti que é a vez do Brasil de participar ofensivamente da evangelização mundial. E, principalmente, para a Igreja Presbiteriana do Brasil, que já é uma igreja adulta! Os apóstolos foram preparados para evangelizar em mais ou menos treze anos e quarenta dias, e a IPB já tem mais de um século.

É preciso que a Diáspora de Missionários Brasileiros se realize imediatamente!

As vezes ficamos preocupados com o problema da língua, mas a África Portuguesa escancararam as suas portas para o Brasil. No encontro que a Delegação Brasileira teve com as Delegações da África Portuguesa, sentimos o angustiante apelo dos nossos irmãos ultra-mar: "Brasileiros, passem à Angola, Guiné e Moçambique e ajudem-nos!"

De passagem pela França senti que ali, também, a IPB tem a sua vez. E grande o número de estudantes, operários, artistas, etc. de língua portuguesa e espanhola que precisam ouvir de Cristo.

A América do Sul toda é também, uma vasta seara para os missionários brasileiros.

Depois de "Lausanne 74" senti que Deus e o mundo esperam do Brasil uma resposta.

Amado irmão presbiteriano, a evangelização do mundo não será uma realidade até que um número suficiente de indivíduos tenham a convicção suficiente e o amor suficiente para comunicar a verdade bíblica que Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Irmão, qual a sua responsabilidade para que

"O MUNDO INTEIRO OUÇA A VOZ DE DEUS?"

## ESTA HORA CRUCIAL

Waldyr Carvalho Luz

Presbiterianos extremosos, angustiamos-nos sobremaneira com a pouco avizível situação em que braveja nossa gerl nestes dias conturbados, dias que reclamam a serena reflexão e soluções construtivas. Sentimos ao vivo a atualidade da IPB e é com a alma quebrantada de presentimentos e o coração ferido de preocupações que lhe atemos a senda do porvir, pejada de perigos e ameaças, inçada de problemas e dificuldades, que importa conjurar, atasalhada de dissensões e desencontros que a portarão levar ao caos, em pasmosa demonstração da insipiente e temeridade com que agem corifeus e mentores neste momento assas delicado. Complexa em demasia é a tessitura da problemática, logo, difícil de equacionar-se devidamente. Não nos propomos, pois, a examiná-la em profundidade neste ligeiro esboço. Enfocaremos, apenas e de leve, três fatores que se nos afiguram dignos de consideração e relevantes à temática desta hora crucial.

### II - UM ANSEIO INSOPITÁVEL

Segura da fé que professa, aperecebida da instante necessidade espiritual de nosso povo, consciência da responsabilidade que lhe assiste na evangelização da pátria quer a presbiterianidade brasileira ver sua Igreja mais e mais engrandecida e prestigiada, unida e coesa, dinamizada e afeita a glorificar plenamente a Deus e testemunhar eficazmente de Cristo nesta hora de monumentais oportunidades e possibilidades sem par. Anseia pela ordem e harmonia em todas as esferas, pela unidade e concórdia em todos os escalões, pela mobilização de todos os valores e recursos para ação concertada de todo o potencial de que dispõe a serviço da Causa sob a direção do Espírito. Requer esta postura uma liderança consagrada e piedosa, serena e ponderada, humilde e magnânima, preocupada somente com ouvir a voz divina e servir ao povo do Senhor, escolmada de interesses pessoais e ambições desvaroadas, leal, democrática, abnegada. E o acalento insopitado da alma presbiteriana nesta hora é que seus líderes fujam a extremos radicalizantes, evitem posições falsas, busquem meios de rendição ao invés de medidas repressivas, aparem arestas, desafoguem os corações, aproximem corações, semeiem compreensão, impantem a paz.

Todavia, polarizadas como se mostram as opiniões, exacerbadas os ressentimentos, descaimadas as paixões, amargados os espíritos de tantos e por toda parte, difícil, difílimo é atingir-se esse desiderato. Mas, se tal não se der, inevitável é a luta inglória, imprevisíveis as funestas consequências.

### III - UMA INICIATIVA MERITÓRIA

A aguda situação desta hora crucial exige se façam ouvir vozes proféticas, serenas mas vigorosas

mal firmes, comedidas mas francas, votadas a conchamar a gente presbiteriana a uma tomada de posição que reflita a realidade total da IPB, suas lídidas aspirações, sua genuína expressão de vida e pensamento, de mística e ação, em plena sintonia com o justo anseio de sua alma generosa e esclarecida, a mesma a deformações mistificadoras, infensa a condicionamentos servilistas, oposta a marginalizações restritivas. E não há dúvida de que largos contingentes da Igreja vegetam n ostracismo, lançados ao limbo, esquecidos, ignorados, silentes, insulados, como se lhes falcassem direitos e já não mais fossem parte e parcela desta agremiação que não é propriedade de individualidades ou mesmo de oligarquias que empalmem o poder. Salta à vista, ademais, que a versão dos fatos, a interpretação das coisas, a informação comunicada, a imagem projetada através dos órgãos operantes na Igreja não abarcam a dimensão toda das eventuações nem trazem a plenitude das perspectivas envolvidas. Ovidados se quedam valores que merecem ouvidos, desconhecida muita matéria que cabe ao povo presbiteriano apreciar, sufocados testemunhos e depoimentos indispensáveis à verdadeira noção da realidade. Tais aberrações e distorções precisam ser corrigidas.

Pertanto, meritória, louável, digna de aplausos é a iniciativa deste grupo de presbiterianos briosos que rompem o silêncio para dar a publicidade este modesto jornal, porta-voz inconcuo de sua maneira de ver e sentir a realidade da IPB, veículo através do qual hajam de contribuir construtivamente para a informação, edificação e iluminação de seus leitores, mercê de perspectivas quicá móveis, contudo, esperamos, sempre verazes, justas, responsáveis.

Esses os pontos que destacamos desta multifária equação. Concluindo, pode a IPB, sensível ao Espírito, ceder aos ditames de Deus e superar a crise que a avassala. Pode, no entanto, resistir às injunções da humildade e da prudência e enveredar pelos desvãos da vindicta e da quizila, opção desesperada e fatal. Talvez ainda haja tempo para mudar-se o rumo das coisas. Far-se-á ouvida e acatada a voz da razão sóbria e ponderada? Praza a Deus que sim.

## Evangelização:

## Escola de Evangelismo de Billy Graham!

(Notas de Celsino Cunha)

Na manhã de quarta-feira (dia 2 de outubro) estávamos na expectativa da aula inaugural dessa Escola, a qual seria ministrada pelo Evangelista Billy Graham, no Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho). A Escola se prolongou até sábado, dia 5. Evangélicos de várias partes do Brasil ali se encontravam, sendo na sua maioria pastores e líderes de Igrejas espalhadas por nossa Pátria, que está aberta ao evangelho de Cristo. Em regra, eram desconhecidos uns dos outros, porém o mesmo vínculo

lo os tornava irmãos, e a vontade de aprender os unia.

O conteúdo geral da Escola pode ser esboçado da seguinte forma:

a) 11 mensagens e 3 estudos bíblicos, abordando temas como: "O Poder do Evangelho simples" (B. Graham), "Deus está trabalhando no Mundo" (Walter Smith), "As coisas que temos aprendido" (Grady Wilson), "Ide fazei discípulos" (Nilson do Amaral Fanini), e tantos outros.

b) 4 Mensagens especiais para Senhoras, apresentadas por Bil-

lie Barrows, Tabita Kraul de Miranda Pinto, Edelweiss Kaschel e Millie Dienert.

c) 4 Grupos de Estudos - Havia assuntos de cunho prático, tais como "O Pastor e o Evangelismo Pessoal", "A Evangelização dos Jovens", "A Evangelização dos Universitários", "O Apelo Evangélico" e 16 outros temas. Cada um optava pelo seu assunto preferido.

Houve grande proveito nos ensinamentos de Arthur Brown, Grady Wilson, Ken Chafin, Cliff Barrows, Amélio Gianetta (autor de bom estudo

sobre "A Evangelização através dos Leigos"). Não se pode traduzir em palavras os benefícios que surgiram dessa Escola. Quantos que lá estavam felizes e entusiasmados pelo evangelismo e agora se espalham no trabalho efetivo de suas Igrejas! Talvez alguns se limitaram a arquivar novos conhecimentos e idéias apresentadas sobre esse assunto, mas é certo que muitos estão procurando aplicá-las, e por isso estão já colhendo os frutos. Nós não sabemos e nem podemos medir os resultados, mas desejamos que todos sejam ricos para a glória de Deus!

## Seção das Senhoras:

## Do bolso do avental

NELLY BOLLIGER LANE

O ministério da oração tem sido o lado forte das senhoras em todas as épocas. Enquanto sentíamos uma certa limitação em alguns setores, sentíamos uma grande alegria íntima em participar do ministério da intercessão: é ilimitado. Mães, tias, avós, esposas e filhas tem se colocado constantemente aos pés do Senhor nesse abençoado ministério, sempre num mesmo espírito: "Senhor, ensina-nos a orar". Somos tentadas — às vezes por circunstâncias prementes — a pedir muito, a pedir sempre; como se pedir fosse único objetivo em nossas orações. David Mains, nos propõe um roteiro sob a forma de 6 singelas perguntas:

1. O que é que eu quero? "Todos", "grandes", "muitos" são expressões bonitas

mas muito vagas. Nossas preces devem ser específicas.

2. Deus pode me conceder este pedido? Deus é todo-poderoso, mas considera a vontade do Homem. "Senhor, fazê José ficar crente" deveria ser substituída por "Senhor mostra com amor, a Tua Verdade ao José".

3. Já fiz a minha parte? Não podemos orar de braços cruzados. Esse é o dinamismo da oração, a parte que Deus nos atribui é só nossa. Na primeira página da Bíblia de Moody estavam escritas estas palavras, que bem expressam esta verdade: "Não posso fazer tudo, mas posso fazer alguma coisa; o que eu posso, devo fazer, e o que eu devo fazer isso farei, com a ajuda de Deus". Paulo nos diz: "Ele é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a

Ele seja a glória na igreja..." Ef. 3:20.

4. Como anda meu relacionamento com Ele? Estamos meio "estremecidos"? Vamos parar, acertar tudo e prosseguir. Sempre sentimos conforto, identificação com o Salmista, ele nos diz no Salmo 66: 17-20: "A ele clamei com a boca, com a língua o exaltei. Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido. Entretanto Deus me tem ouvido, e me tem atendido à voz da oração. Bendito seja Deus, que não me rejeita a oração, nem aparta de mim a sua graça. João dá um sentido positivo quando nos diz: "Amados, se o coração não os acusar, temos confiança diante de Deus; e aquilo que pedimos, dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos, e fazemos diante dele o que lhe é agradável". I João 3:21,22.

5. Consultei seus inter-

resses? "...pedis, e não recebeis, pois pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres". Tiago 4:3. Pedido-capricho, egoísta, ou pedido visando a glória de Deus, para que eles vejam e glorifiquem nosso Pai? Como orou Jesus no Calvário? "Pai, tudo te é possível; passa de mim este cálice; contudo não seja o que eu quero, e sim, o que tu queres". Marcos 14: 36.

6. Aguardo uma resposta? Nomes, causas, fatos, moléstias são trazidos como motivos de oração. Queremos nos desincumbir da tarefa, mas aguardamos resposta? Nem sempre. Procuremos honestamente, em nosso coração nos empenhar em receber uma resposta.

Que estas perguntas em sua singeleza, nos ajudem a um preparo mais adequado toda vez que nos aproximarmos do Senhor, com nossas petições.

## Notícias da Seara:

## "Novo Templo em Campinas"

No dia 9 de Agosto p.p. foi consagrado ao Senhor o novo Templo da Igreja Presbiteriana de Campinas, construído à Rua General Osório n.º 619. Foi pregador, na ocasião, o Rev. Dr. José Borges dos Santos Jr., ex-pastor dessa Igreja. A data assinalava o 71.º aniversário da organização eclesial desta comunidade presbiteriana.

O estilo do novo templo é bastante moderno, com linhas arquitetônicas que se valorizam pelo aspecto funcional. O autor do projeto é o Presb. Dr. Alberto Del Nero, que se tornou conhecido no meio evangélico por suas quatro ênfases na construção de um templo, as quais podem ser constatadas nesta obra: VISÃO completa do púlpito, qualquer que seja o lugar em que o assistente esteja assentado no santuário; ILUMINAÇÃO plena do ambiente de culto; VENTILAÇÃO, através de um sistema de micro-climatização, pelo qual há uma renovação permanente do ar, dispensando-se as janelas laterais; ACÚSTICA perfeita, sem qualquer auxílio eletrônico. Foi responsável téc-

nico pela obra o Dr. Waldemar José Strazzacapa.

O prédio tem cerca de 915 metros quadrados de construção, com uma capacidade total prevista para 600 pessoas. Há um átrio, com aproximadamente 130 metros quadrados, destinados ao tradicional "bate-papo" informal dos crentes após os Cultos. Os vitrais são artisticamente elaborados, com cores variadas, sem formas fixas, sugerindo orações espontâneas que sobem aos céus. A moldura externa dos vitrais simboliza duas mãos postas em atitude de oração.

O custo da obra, originalmente orçada em Cr\$ 400.000,00, já alcançou o valor de Cr\$ 950.000,00, tendo sido a mesma concluída num espaço de dois anos, pois a pedra fundamental foi lançada no dia 9 de Agosto de 1972. O antigo templo existente à Rua Dr. Bernardino de Campos, 792 necessitava de grandes reformas, e por isso foi vendido, para que se iniciasse a construção do novo templo. Venha conhecer pessoalmente este belo santuário e participar da alegria dessa Igreja!

## NORDESTE

Do Nordeste nos chegam notícias da jovem dinâmica Igreja Presbiteriana das Graças, na cidade do Recife. É o que escreve seu pastor Rev. Humberto Lima de Aragão Filho: "O Nosso Tabernáculo. Graças a Deus concretizamos a nossa consolidação estrutural. Adquirimos o local de adoração da Igreja Presbiteriana das Graças. Como povo eleito diante do mar ouvii o brado divino: "dize aos filhos de Israel que marchem", assim também nós escutamos a voz imperativa de Deus, induzindo-nos a uma cadência espiritual que culminaria com a formação dessa comunicação reverberante da igreja neotestamentária. Somos

IGREJA, irmãos na fé e na esperança evangélica, somos IGREJA, templo erguido para o louvor e veneração do Deus a quem amamos "de coração, de alma, de entendimento". Parabéns à Igreja das Graças. Regamos ao Senhor da IGREJA que dirija. Ele mesmo, o trabalho recentemente iniciado.

## OUÇAMOS AS

## OPINIÕES

Nesta coluna, publicaremos as opiniões dos leitores deste jornal. Solicitamos, pois, aos nossos distintos leitores que nos enviem, sem constrangimento, suas impressões.

## Coluna dos Homens

## O Homem na História

JOSE VIEIRA SIMÕES  
(Presidente do Sinodo da Guanabara)

A Bíblia é o livro das revelações divinas à humanidade, no qual o homem ocupa lugar destacado. Conquanto Deus se tenha utilizado de mulheres, de jovens e até mesmo de crianças, o homem, especialmente, se movimentou em suas páginas sagradas, como um valioso instrumento do SENHOR.

No Velho Testamento, encontramos notável pléiade formada de vultos da estatura de Moisés, Josué, Samuel, Davi, Salomão, Isaías, Jó, Daniel e tantos outros que, a exemplo de Abraão, em momentos cruciais, nas duras provações consequentes de sofrimentos morais, sociais e espirituais, ofereceram suas vidas em holocausto pelo louvor de Deus.

Cristo, no cumprimento de seu glorioso Ministério, ainda julgou necessária a participação dos homens e os chamou para apóstolos, dando início à implantação do seu Reino Glorioso. Eietivamente, abrindo as

páginas do Novo Testamento, deparamo-nos com os discípulos do Mestre, pregando, instando, mesmo sofrendo as mais terríveis oposições ou mortes martirizadas em defesa da Fé. São homens humildes como Pedro; intelectuais como Paulo; cientistas como Lucas, mas todos cheios do Espírito Santo.

A História da Igreja Cristã destaca verdadeira multidão de homens que, desde os primeiros séculos, colocaram suas vidas preciosas a serviço da Causa de Jesus. Nos dias difíceis, quando a verdade e a pureza do Evangelho eram comprometidos pela introdução de dogmas espúrios, os mártires como Savanarola, Huss e Jerônimo de Praga comandaram, com bravura e dedicação, a campanha em prol da verdade bíblica, podendo considerá-los precursores de Lutero, Knox, Melancton, Calvino e Zwínglio, que com a Reforma, mudaram os rumos da humanidade.

A História, na afirmação de Cícero, é a grande mestra

da vida e nos mostra o caminho a trilhar.

A exuberante história da Igreja Presbiteriana do Brasil, em seus 115 anos, apresenta-nos imenso número de homens que, com dedicação, zelo e determinação, têm escrito maravilhosos poemas de fé, de coragem e de heroísmo.

E hoje, quando vivemos uma hora de imprevisíveis consequências, cabe, ainda, ao homem presbiteriano, lutar, com denodo, pela expansão da Causa de Cristo em terras brasileiras, lutando, por outro lado, pela estabilidade da nossa Igreja Presbiteriana do Brasil.

Evidentemente, vivemos um tempo pouco tranquilo em nossa comunidade. Essa intranquilidade, todavia, é fruto de incompreensões e, também, deve ser proclamado, pelo desejo que muitos têm de produzi-la. No entanto, é necessário lutarmos pela sua sobrevivência, mesmo que tenhamos de discordar de irmãos amados e de amigos muito queridos. Nessa luta devemos, sobretudo, evitar,

por todos os meios possíveis, a eliminação de partes vitais do seu organismo. Nossa vocação é fazer e não desfazer; unir e não desunir; consolidar e não enfraquecer; multiplicar e não dividir; criar e não dissolver!

É justo, entretanto, ressaltar que o heróico trabalho dos homens presbiterianos adquiriu especial colorido e nova dimensão com a organização da Secretaria Geral do Trabalho Masculino. Congregados em suas UPH, os homens presbiterianos marcam, de maneira real e positiva, sua presença na história religiosa, cultural e social de nossa pátria.

E nós, que fomos agraciados por Deus, dirigindo por mais de uma década, a Secretaria Geral do Trabalho Masculino, podemos afirmar que os homens presbiterianos, a exemplo dos irmãos do passado, cheios de ardor cívico, de vigor espiritual e transbordantes de amor ao próximo, apontarão ao nauta perdido em noite escura, o porto salvador, iluminado pela luz esplendente de Jesus Cristo.

## POESIA

Flávio Kerr B. de Almeida

Primavera... éhl  
Primavera, de lembrar-se das ameixeiras floridas,  
Igual a todos os anos.  
Tarde morna de quase outubro!

Beleza,  
amor,  
Calor.  
Sentir na alma...

E na palma!  
Ver tudo refflorir  
e refletir

Nas águas cansadas de um pequeno lago;

Lago,  
dos campos dourados,  
com lentas horas de suaves brisas  
e imensa paz que Deus criou.

Uma tímida vontade de sorrir,  
e aprender mais,  
que...

É primavera...  
já é luz do novo dia!

# Rio Verde comemora Bodas de Ouro do casal Gordon

O povo de Rio Verde, Goiás, nos dias 29, 30, 31 de outubro e 1.º de novembro comemorou as Bodas de Ouro do Dr. Donald C. Gordon e Da. Helena G. Gordon. Quando o casal chegava à cidade, no dia 2 de outubro, pela BR-452, na altura do Km 6, vários carros, estrategicamente colocados, começaram a seguir-lo, buzinando e soltando foguetes. A medida que se aproximavam da cidade, mais carros iam aumentando o cortejo, até que chegaram à Praça Joaquim da Silveira Leão, onde o casal recebeu carinhosa homenagem. Nos dias seguintes as festas continuaram com uma sessão litero-musical no Clube Rioverdense (30 out); sessão solene na Câmara Municipal, seguida de recepção no Clube Rioverdense. No dia 1.º de novembro, no Clube Campeste, houve a celebração do culto em ação de graças pelo 50.º aniversário de casamento, oficiado pelos Reverendos Severino Gomes Monteiro e Milburges Ribeiro. Um detalhe curioso: o vestido usado por Dona Helena era o mesmo que usara no dia 1.º de novembro de 1924, quando de seu casamento, há cinquenta anos!

Quem são os homenageados pela cidade de Rio Verde? Achamos importante a divulgação desta notícia por tratar-se de justa homenagem a um casal de missionários que consagrou o melhor de suas vidas ao povo do sudoeste de Goiás. A cidade inteira reconhece o trabalho deste par que se consagrou ao serviço de Deus no serviço do homem, no campo da Medicina e tudo fez por amor ao Senhor Jesus Cristo.

O Dr. Donald Covil Gordon nasceu no dia 24 de janeiro de 1897 em Hazardville,

Connecticut, USA. Com 22 anos terminava seu Bacharelato em Artes, (B.A.), na Universidade Wesleyana. Em 1922 saía graduado pela famosa Universidade de Harvard, em Boston Massachusetts, com o seu título de Doutor em Medicina (M. D.). Os anos de 1922 a 1924 passou-os como médico residente em Hartford, no seu Estado natal.

Nesse ano (1924) algo muito decisivo lhe aconteceu na vida. O ideal do jovem Donald era consagrar-se inteiramente a Deus e ao Seu serviço. Agora, as coisas aconteciam de molde a indicar que seu ideal se concretizaria: as autoridades da Igreja Metodista, à qual pertencia, o haviam aceito para ser médico missionário na China. Parece que, finalmente, as portas se abriam para que o jovem médico fosse servir naquele país. Contudo, Deus tinha outros planos.

Em 1924 trabalhava como enfermeira missionária em Santiago do Chile, a senhorita Helen, conhecida do Dr. Gordon desde os tempos de estudante. Esta jovem já havia trabalhado em La Paz, na Bolívia. O médico nutria certa simpatia para com a jovem e havia o fato de ser ela enfermeira, espírito independente e corajoso, virtudes que a tornavam esposa ideal para um médico missionário que se sentia chamado por Deus para trabalhar na China. O Dr. Gordon escreve a Helen falando-lhe de sua afeição e do desejo de casar-se com ela.

Naturalmente, essa carta foi uma surpresa, pois a essa altura, eram ainda apenas amigos. Contudo, era preciso dar uma resposta urgente. Depois de ter ido à ópera, regressando

à casa, uma frase musical ouvida, havia pouco, começou a se fixar na mente de Helen. Aquela frase, tantas vezes repetida: "By faith, and faith alone" (Pela fé, somente pela fé) agora parecia uma desafio inescapável.

Quando esses pensamentos assaltavam sua mente, passava com seus acompanhantes em frente de uma agência de cabogramas. Resolveu entrar e responder afirmativamente.

A resposta de Helen mudou completamente a vida do Dr. Gordon. Não mais iria para a China, mas para a América Latina e, de agora em diante, Da. Helena seria a incentivadora de sua carreira, a companheira fiel de todos os momentos, e mãe de seus filhos. Estariam indissolúvelmente ligados pelo amor para fazer uma grande obra para Deus. Daqui em diante, falar do médico é falar da enfermeira; do homem, é da mulher, do esposo, é da esposa. Unidos... para sempre! Como não fazer injustiça ao mencionar a obra do esposo sem esquecer que isso só foi possível porque havia ao lado o trabalho imenso da esposa?

O Bispo Oldham consentiu na ida do Dr. Gordon para o Peru em vez da China. No Peru, de 1924 a 1937, o casal ficou, sendo, o Dr. Gordon cirurgião e Vice-Diretor do Hospital British-American. Tendo prestado exames, recebeu diploma da Universidade de São Marcos, em Lima, capital do Peru. De setembro de 1927 a janeiro de 1928, o Dr. Gordon fez um curso de pós-graduação em Cirurgia, no New York Hospital. Foi nessa ocasião que os presbiterianos solicitaram sua colaboração. O grande líder

Dr. Robert Speer, conversou longamente com o casal sobre a necessidade do trabalho missionário no Brasil. Os anos de 28 e 29 foram passados no Elkins City Hospital, New Virginia, onde o Dr. Gordon exerceu a função de Vice-Diretor. Sua vinda para o Brasil se deu em 1930. Teve que ficar em Salvador, Bahia, para a revalidação de seus diplomas. Isto aconteceu de 1930 a 1932. Dedicou-se, a princípio, à medicina itinerante, dando consultas e operando onde a Missão Presbiteriana tinha mais necessidade. Contudo, nos anos 1933 e 1934, o Dr. Gordon trabalhou já em Goiás, como Vice-Diretor do Hospital Evangélico de Anápolis. A família passa os anos de 1934 e 1935 nos Estados Unidos. O Dr. Gordon trabalha como médico na clínica geral do New York Hospital e faz estudos aprofundados no campo da Medicina Tropical, tendo em vista seu futuro trabalho. Em janeiro de 1936, vai com a família a então remota cidade de Rio Verde, no sudoeste de Goiás, onde permanece até sua aposentadoria em janeiro de 1962. No ano de sua chegada, logo no primeiro mês, abriu seu consultório; em 1937 fundava o Hospital Evangélico. Em setembro de 1937, com entusiasmo, abriu a Escola de Enfermagem, mais tarde reconhecida pelo Governo Federal.

O trabalho da pregação do Evangelho foi iniciado no ano de 1936, sob a direção do missionário evangelista Rev. Ashmun Salley. O esforço missionário deu excelentes frutos, crescendo tanto no aspecto social como no evangelístico, e um de seus frutos em Rio Verde, é o grande Hospital que



se ergue ao lado de uma próspera comunidade evangélica.

De 1962 a 1963, Dr. Gordon e Da. Helena viveram nos EE.UU. Em 1964, retornaram à sua pátria adotiva, o Brasil, residindo em Campinas, S. P. onde têm trabalhado na clínica Pau D'Alho (fechada há 3 anos), na Clínica Lane e na Clínica do Exército de Salvação. (O Exército de Salvação, no dia 25 de novembro de 1973, concedeu ao Dr. Gordon com a medalha da "Ordem de Notável Serviço Auxiliar". O casal participa, ativa e fielmente, da Igreja Presbiteriana do Jardim Guanabara e da Community Church de Campinas. Seus filhos Hope, Alma, Gary e Alan, todos casados e com família, seguem o exemplo dos pais, na dedicação a Deus e no serviço ao próximo. Faltaria espaço para falar da notável contribuição que seus filhos estão prestando em vários setores da vida da sociedade.

No dia 1.º de novembro deste ano, com seus filhos e netos, filhos adotivos, médicos, pastores, pacientes por ele curados, vimos cumprida a palavra profética do Salmo 126:6 "Quem sai andando e chorando enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes..." Desde 1962 que, em frente do Hospital Evangélico de Rio Verde, existe um busto de bronze com significativa placa, homenagem do povo da cidade de Rio Verde, ao médico missionário que tanto fez em seu favor para responder ao amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor. "O Jornal Presbiteriano" divulga esta notícia porque sabe estar levando ao leitor a inspiração das vidas desse consagrado médico crente e sua esposa, e se associa, de coração, às justas homenagens que lhe estão sendo rendidas nesta significativa efeméride.

José Dias de Araújo

## Coluna da Mocidade

VOCÊ VIVE MESMO? OU "APENAS VIVE"?

LYSIS STEPHAN LUZ

Pare!  
Pare e pense!  
Você está vivendo? Como?  
Nos dias atuais é tão difícil viver!  
Viver mesmo. Viver realmente.  
Viver é amar. Você tem amor para dar?  
Viver é servir. Você estende a mão para ajudar?  
Viver é sorrir. Você sorri para alguém?  
Viver é Cristo. Você o conhece, de verdade?  
Sabe, gente?  
Os tempos passam. O mundo muda.  
Nós também mudamos. P'rá melhor ou p'rá pior?  
Sabe, gente?  
Viver por viver, é fácil. Muito fácil.  
Mas viver de verdade é tão difícil!  
Viver é amar, não odiar!  
Viver é sorrir, e, quem sabe, chorar!  
Viver é ajudar, sem esperar recompensa!  
Você vive? Viver mesmo? Viver realmente?  
Pare e pense.  
Pense e viva.  
Porque é tão bom poder viver;  
Poder viver na luz de Cristo,  
Em Sua paz e doce companhia;  
Poder viver o amor de Cristo,  
Viver mesmo, viver realmente!  
Não "apenas viver".

## Namoro, Noivado e Casamento

"Se estamos dispostos a fazer adequadamente os preparativos para o amor, chegará o momento da revelação do amor. "E a costela... o Senhor Deus... transformou-a numa mulher, e lhe trouxe". (Gênesis 2:22). Que momento há de ter sido aquele para Adão, na pureza e doçura do cenário edênico! Aventuramo-nos a dizer, todavia, que em Cristo e no planejamento de Deus, a revelação do amor pode ser hoje arrebatadora e totalmente fascinante — exatamente como imaginamos ter sido no Eden.  
"Há vários meios de que

se serve Deus para revelar-nos quem Ele escolheu para ser nossa companheira ou companheiro. Os princípios que determinam nossa compreensão da vontade divina foram considerados num capítulo anterior. Basta dizer agora que quando nos vem a revelação do amor, esta é inequívoca. Pode ser "amor à primeira vista", como pode ser uma afeição crescente que acaba dando a convicção do amor, na presença de Deus. Uma coisa é óbvia em todos os casos: a consciente afinidade de espírito, mente e corpo".

# O Dia da Bíblia

Américo J. Ribeiro

O Dia da Bíblia será comemorado entre nós, este ano no próximo dia 8 de Dezembro.

Ao ensejo desta efeméride já tradicional e tão cara ao coração evangélico, vale a pena reavivar na mente dos nossos leitores algumas informações relacionadas com a obra magnífica e digna dos nossos maiores encômios que vem sendo realizada, durante mais de um quarto de século, por essa entidade que com infatigável determinação vem-se mostrando fiel à sua vocação de dar a Bíblia ao nosso povo.

A SBB foi solenemente instalada no dia 12 de junho de 1948, em reunião realizada na I.ª Igreja Batista do Rio de Janeiro. Não caberia, dentro

dos limites deste breve artigo, a enumeração dos fatos mais dignos de nota com os quais a SBB vem marcando cada ano de sua história. Registraremos, aqui, apenas os seguintes dados, particularmente significativos, que nos permitem apreciar algumas de suas mais notáveis atividades:

A instalação de Secretarias Regionais da SBB nas capitais dos nossos Estados mereceu, desde o início de seus trabalhos alvo prioritário no seu programa. Em 1951, o Dia da Bíblia tornou-se tema, pela primeira vez na história, da emissão de um selo postal, por decreto publicado em 6-12-51. O Novo Testamento de Almeida, revisado e atualizado por uma Comissão de especialistas, foi lançado em 1952. Este NT veio a ser adotado, sem qualquer emenda ou alteração, pelos Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros, em 1968 e, em virtude disto, vem ele circulando amplamente nos meios católicos da nossa Pátria. A SBB ocupa o 2.º lugar no mundo em distribuição da Bíblia. Em 1954 iniciou-se, na Rádio Tupi do Rio, o programa "Dando a Bíblia à Pátria". Dois anos depois, a SBB lançou o NT, no Braille, para os cegos. Neste mesmo ano encerrou-se a revisão da Bíblia de Almeida, tarefa que consumiu nada menos de 12 anos de

trabalho intensivo. No ano seguinte, iniciou-se o lançamento da Bíblia em discos, para os cegos brasileiros. Em 1958 a Rádio Relógio do Rio passou a transmitir 144 vv. diários da Bíblia, em sua programação. No ano seguinte, foi lançada a campanha "Um Milhão de Testamentos para os Israelitas". Grandes personalidades brasileiras vêm recebendo visitas especiais de representantes da SBB que lhes oferecem exemplares do Livro Sagrado. Chuvas de para-que-das fizeram profusa distribuição de porções bíblicas, em várias cidades paulistas, em certa ocasião. O levantamento de monumentos à Bíblia, estimulado pela SBB, tem-se concretizado, em muitos municípios do Brasil e, em não poucos casos, com franco apoio das autoridades municipais. Em 1964, em S. Paulo, a Rádio Piratininga começou a transmitir também o programa "Dando a Bíblia à Pátria". Em 1966 a SBB realizou as provas finais do I Concurso Bíblico Nacional, no Maracanãzinho. No ano seguinte, realizou-se, em S. Paulo, o Instituto Penzotti para treinamento de colportores e obreiros. Em 1971, a SBB proclamava a sua maior distribuição anual - 7.497.773 exemplares! A SBB mantém, nas distantes regiões do Norte do Brasil, um barco, "Luz da Amazônia",

que realiza penoso mas esplêndido trabalho de difusão das Escrituras e de sua mensagem salvadora a apreciável número de patrióticos que, sem este recurso, dificilmente poderia ser alcançado pela verdade eterna. Recentemente, a SBB lançou "A Bíblia na Linguagem de Hoje", trabalho sujeito a várias críticas e restrições, em sua primeira edição, é certo, mas que também representa esforço sincero e digno de aplauso no sentido de colocar a Palavra de Deus, de maneira simples e fiel, ao alcance da grande massa brasileira todavia apenas de grau rudimentar de instrução. Só no ano de 1972 a SBB distribuiu 144.556 Bíblicas; 95.426 NN.TT.; .... 1.495.947 porções e ..... 5.702.000 selções.

Por estes e por muitos outros fatos merecedores dos mais entusiásticos aplausos da família evangélica brasileira, merece a Sociedade Bíblica do Brasil não apenas o nosso generoso apoio financeiro mas também as nossas sinceras orações para que Deus lhe permita prosseguir, com a mesma fidelidade a vocação para qual foi fundada, levar a efeito a missão sublime de distribuir copiosamente a Bíblia em todos os rincões da nossa querida Pátria.

## Errata

À pag. 3, sob o título "Uma Igreja ameçada", no 2.º parágrafo, 1.ª linha, onde se lê "Estavata", leia-se "Estava"; no 5.º parágrafo entre as linhas 29 e 32, leia-se "São os desafios de um mundo ignorante, de um mundo egoísta, de um mundo miseravelmente pobre, mas também abusivamente rico...". À página 4, sob a epígrafe "Esta hora crucial", no 1.º parágrafo, linha 4, onde se lê "braveja", leia-se "braceja"; no mesmo parágrafo, linha 20, leia-se "assaz" e não como está. No 2.º parágrafo, linha 12, onde está escrito "cauta antevião" leia-se "cauta antevisão".